



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

LORENA AYRES MACHADO

A vilanização das patricinhas:
uma análise da representação feminina em Legalmente Loira

Brasília
2024

Agradecimentos

Esse trabalho se mostrou ser um grande desafio e, conseqüentemente, uma grande vitória pessoal. Serei eternamente grata a todos que acreditaram em mim e me apoiaram neste percurso, que não teria sido possível sem o carinho de vocês.

À minha mãe, Flávia, que acreditou em mim e foi minha fonte de força, não só agora mas em todos os momentos da minha vida. Ela comemorou todas as minhas conquistas e segurou minha mão quando me senti perdida. Não existem palavras para descrever o tamanho do meu amor e da minha gratidão.

À toda minha família, meu padrasto, Flávio, minha avó Gilda e a todos que me apoiaram e sentaram para assistir "Legalmente Loira" comigo. Agradeço também ao meu pai, Alexandre, que me incentivou a entrar na UnB. Foi devido à orientação dele que eu tomei a decisão de cursar Comunicação Organizacional, uma escolha pela qual serei sempre grata.

Ao Mateus, meu parceiro, que acompanhou minha trajetória e cresceu junto comigo, que presenciou cada etapa desse trabalho e foi meu porto seguro. Obrigada por ter estado comigo quando eu mais precisava.

Às amigadas que me acompanharam desde os primeiros semestres do curso: Isabela, que me ensinou a amar uma alma parecida com a minha; Sarah, que é a Ana da minha Vitória; e Ana Beatriz, que enxerga quem eu sou e o que eu não preciso dizer, por isso nunca me sinto sozinha. Todas as minhas melhores memórias da faculdade são com vocês.

À Márcia, minha psicóloga, que me apoiou durante todas as minhas conquistas e me deu forças quando eu precisei. Saber que você estava comigo me deu a paz de espírito necessária para finalizar esse ciclo.

À Andressa Gonçalves, Mariana Souto e Katia Belisário, sou honrada por minha banca ser composta pelas professoras que mais admirei durante o curso. Esse trabalho não seria possível sem os conhecimentos que aprendi durante as suas aulas.

À minha orientadora, Elen Geraldine. Se hoje posso escrever esses agradecimentos, foi porque você me ofereceu suporte e acreditou em mim, mesmo quando eu não acreditava. Obrigada por todas as orientações, por todos os incentivos e por ter tido paciência com o meu processo. A admiração e o carinho que tenho por você são infinitos.

Por fim, à Sharpay Evans, Regina George e Elle Woods, que apresentaram um mundo cor de rosa e fabuloso para a criança que vive dentro de mim. Esse trabalho não existiria sem as suas histórias.

Sumário

1. Introdução.....	4
2. Patricinhas, Cinema e Gênero.....	7
3. Procedimentos Metodológicos.....	10
3.1 Informações.....	11
4. A Vilanização das Patricinhas.....	12
4.1 “Tá terminando comigo porque eu sou loira?”	12
4.2 “Eu vou mostrar como Elle Woods pode ser valiosa”	14
4.3 “Qualquer garota Cosmo saberia”	17
5. Considerações Finais.....	18
Referências Bibliográficas.....	21

Resumo

Este artigo tem o objetivo de investigar de que forma o filme "Legalmente Loira", lançado em 2001, representa os estereótipos de gênero presentes na figura da patricinha, a partir de uma análise fílmica. Este trabalho se justifica pela necessidade de se compreender a representação de gênero no cinema, particularmente de obras que continuam a influenciar a cultura popular com o ressurgimento das tendências dos anos 2000. A partir da análise, foi possível observar que o conceito de patricinha carrega sentidos pejorativos fundamentados em discursos misóginos. Apesar disso, o filme "Legalmente Loira" subverte a representação tradicionalmente negativa dos estereótipos de gênero presentes na figura da patricinha. O sentido pejorativo do termo não é reforçado durante a narrativa, e sim questionado cada vez que a protagonista Elle Woods supera um novo desafio.

Palavras-chave: Patricinha, "Legalmente Loira", Cinema, Feminismo, Estereótipo de Gênero, Comédia Romântica.

Abstract

This article aims to investigate how the 2001 film *Legally Blonde* represents gender stereotypes associated with the figure of the '*patricinha*,' through a film analysis. This study is justified by the need to understand gender representation in cinema, particularly in productions that continue to influence popular culture with the resurgence of 2000s trends. The analysis reveals that the concept of '*patricinha*' carries pejorative meanings rooted in misogynistic discourse. Despite this, *Legally Blonde* subverts the traditionally negative representation of gender stereotypes associated with '*patricinha*'. The pejorative sense of the term is not reinforced throughout the narrative, but rather questioned each time the protagonist, Elle Woods, overcomes a new challenge.

Keywords: Patricinha, Legally Blonde, Cinema, Feminism, Gender Stereotypes, Romantic Comedy

Introdução

Segundo Fahl e Paiva (2015), a cultura pop tende a revisitar o próprio passado para produzir conteúdo novo. Esse saudosismo está presente nas músicas que reproduzem a mesma batida de antigos *hits*, na moda que recicla tendências e no cinema, assim como em todas as formas de arte. A inspiração autorreferencial permite que ícones do passado continuem influenciando a cultura de massa, e novas gerações ofereçam outra perspectiva de interpretação dessas obras.

Com a aproximação da década de 2020, a cultura pop voltou a reproduzir as tendências dos anos 2000 (Pereira, 2017), de modo que a intertextualidade entre as diversas formas de arte colocou em evidência as obras dessa época. A indústria fonográfica, por exemplo, se inspirou no cinema quando Ariana Grande produziu o videoclipe de seu single “*Thank U, Next*” (2018), fazendo referência ao filme de 2001: “*Legalmente Loira*”. De forma semelhante, a cantora Sabrina Carpenter também se inspirou no longa ao produzir o videoclipe de sua música “*Sue Me*” (2018).

Colocar “*Legalmente Loira*” em evidência novamente comunica uma identificação com os seus símbolos, por parte das novas gerações. Além disso, esse processo implica retomar a discussão sobre as temáticas que ele representa. O filme, protagonizado por Elle Woods (Reese Witherspoon), acompanha uma mulher rica, loira e vaidosa, que decide estudar Direito em Harvard, depois que o namorado termina com ela por não ser “séria” o bastante. Entretanto, para Souza, Grangeiro e Silva (2021), a comédia do filme está na subversão de estereótipos tradicionalmente reproduzidos em Hollywood, como a ideia da “loira burra”.

Elle simboliza as mulheres que se identificam com interesses considerados tipicamente femininos, como moda e beleza, popularmente chamadas no Brasil de “patricinhas”. Essas mulheres que performam a feminilidade vivida nesses padrões são frequentemente representadas na mídia como fúteis, burras e arrogantes. Este artigo se propõe a analisar de que forma o filme “*Legalmente Loira*” representa essas mulheres.

A escolha por esse filme em específico, em detrimento de outros filmes com temáticas similares que marcaram os anos 2000, se dá pelo seguinte motivo: Elle Woods é uma das poucas protagonistas de filmes de patricinha de sua época que não precisa abdicar de seus interesses e performance de feminilidade para ser levada a sério e ter um final feliz. O arco da personagem não impõe que a protagonista abra mão de sua identidade como patricinha para crescer, como em “*Meninas Malvadas*” (2004) ou “*Garota Mimada*” (2008). “*Legalmente*

Loira" possui características próprias que serão exploradas no desenvolvimento deste trabalho.

É necessário salientar que, quando este artigo se refere à feminilidade ou às características socialmente atribuídas às mulheres, com as quais as patricinhas se identificam, ele não tem a intenção de se vincular ao movimento de hiper feminilidade associado às tendências conservadoras da extrema direita do Brasil, que se coloca em oposição direta ao feminismo e frequentemente se interliga a bases religiosas.

Na realidade, tem-se como objetivo compreender a reivindicação simbólica das patricinhas como uma tendência de uma parcela da terceira geração do feminismo. Para Dole (2008), a desconstrução da representação de gênero midiática é uma das preocupações das feministas do novo milênio e uma parcela delas, conhecidas nos EUA como *girlies*, defendem a reivindicação dos tradicionais símbolos de discriminação de gênero (beleza, moda, música pop, bonecas *Barbie*) como fontes de prazer e força para as mulheres.

Logo, este artigo se propõe a responder a seguinte **questão problema**: “como o filme “Legalmente Loira” representa os estereótipos de gênero presentes na figura da patricinha?”. Com base na teoria disponível sobre cinema e estudos de gênero, é desenvolvida uma análise guiada pelo **objetivo geral** de analisar a representação dos estereótipos de gênero da figura da patricinha no filme “Legalmente Loira”. Nesse sentido, tem-se como **objetivos específicos**: conceituar o termo patricinha e compreendê-lo contextualizado na cultura; discutir as teorias de gênero no cinema; analisar as questões de gênero representadas no filme “Legalmente Loira”; e compreender como a visão sobre personagens patricinhas sofreu mudanças com o passar do tempo.

O artigo tem justificativas sociais e acadêmicas. O retorno das tendências dos anos 2000 e a influência que os produtos culturais dessa época têm tido como referência para a moda, a música e a indústria cinematográfica dos dias atuais são evidentes. Nesse sentido, revisitar o passado permite desenvolver um novo olhar e ressignificar sentidos antes tidos como senso comum, como no caso do teor pejorativo associado às patricinhas. Entretanto, sem reflexão crítica, beber na fonte das produções culturais do passado arrisca a perpetuação de estigmas e estereótipos que não são mais aceitáveis socialmente. Por isso, trabalhos como esse, que proporcionam uma revisão crítica sobre as produções de entretenimento do passado, podem oferecer um guia social valioso para o mercado da comunicação.

Analisar a representação feminina no cinema é um trabalho de extrema relevância para o estudo da Comunicação e das questões de gênero. Em uma sociedade que estigmatiza a figura feminina e o lugar da mulher no mundo, questionar e pensar de forma crítica sobre a cultura em que estamos inseridos é fundamental para uma prática científica bem sucedida. Entretanto, mesmo entre os vários estudos de gênero disponíveis na área acadêmica da Comunicação, são poucas as pesquisas que se propõem a explorar o fenômeno das patricinhas. Por se tratar de um termo pejorativo cujo significado está atrelado à futilidade, é importante que ele não seja descartado como objeto de estudo, para que não se perpetuem estigmas de inferioridade feminina nas primeiras etapas do fazer acadêmico.

Além do mais, como mulher e consumidora das produções cinematográficas da cultura popular, é do meu interesse compreender de que forma o entretenimento voltado para o público feminino pode ser interpretado à luz da teoria disponível sobre comunicação e gênero. Quando o filme "Legalmente Loira" e os filmes de patricinha que surgiram nos anos seguintes foram lançados e popularizados, eu estava em anos formadores da minha personalidade e ainda não pensava de forma crítica sobre o conteúdo que consumia. Assim como eu, muitas mulheres da minha geração absorveram a estética das produções da época e não se questionaram por que os produtos e filmes produzidos especificamente para o público feminino eram diminuídos, considerados de "mulherzinha". Dessa forma, acredito que revisitar esse conteúdo e ressignificar as vivências das mulheres pode se traduzir em uma jornada de desconstrução dos estigmas de gênero.

A fim de atingir o objetivo de analisar a representação dos estereótipos de gênero da figura da patricinha no filme "Legalmente Loira", o desenvolvimento desse artigo foi dividido entre os tópicos: "Tá terminando comigo porque eu sou loira?", "Eu vou mostrar como Elle Woods pode ser valiosa" e "Qualquer garota Cosmo saberia". Os títulos escolhidos fazem referência a diálogos de cenas decisivas do filme, que expressam símbolos relevantes à temática das patricinhas e à representação de gênero no cinema.

Na primeira seção, é discutido de que forma os estereótipos de gênero influenciam em como os personagens do longa percebem Elle Woods. Em seguida, é desenvolvida uma análise dos figurinos vestidos pela protagonista, considerando os significados simbólicos das vestimentas que identificam Elle Woods como uma patricinha e de que forma a cor e o estilo são utilizados como recurso narrativo. Por fim, é discutida a reivindicação da identidade da patricinha segundo os acontecimentos do filme e à luz das tendências contemporâneas do movimento feminista.

2. Patricinhas, Cinema e Gênero

É difícil encontrar uma definição para o termo patricinha que contemple todas as nuances culturais dessa palavra. De acordo com o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Michaelis (2015), patricinha é um termo pejorativo usado para se referir às garotas de família de alta renda que só usam roupas de marca e frequentam lugares que estão na moda. A palavra teve origem etimológica no termo “patrício”, que faz referência à classe aristocrática romana. Entretanto, há os que defendem que a palavra se popularizou no vocabulário brasileiro pelas mãos do colunista Zózimo Barrozo do Amaral, ao fazer referência às seguidoras da socialite carioca Patrícia Leal no final do século XX. (Cerqueira, 2017) (Santos, 2016)

Uma pesquisa conduzida por Pereira (2003) realizou entrevistas com mais de 100 adolescentes de camadas médias e altas da Zona Sul do Rio de Janeiro, com o objetivo de compreender os diálogos entre a cultura e as relações sociais na construção das identidades sociais de adolescentes, com destaque para a categoria de classificação “patricinhas”. A partir dos relatos das adolescentes, observou-se que o conceito “patricinha” poderia ser compreendido a partir de duas perspectivas diferentes: estética e comportamental. Do ponto de vista estético, que incluía roupas e acessórios da moda, maquiagem e apresentação “impecável”, as adolescentes consideravam “patricinha” como algo positivo. Entretanto, quando analisada sob a perspectiva comportamental, “patricinha” adquiria uma conotação negativa, associada à futilidade, mau caráter e preconceitos.

Considerando a natureza estética desse conceito, é necessário analisar os símbolos visuais que são intrínsecos às patricinhas. É nesse sentido que falar de patricinhas tradicionalmente significa falar da cor rosa. De acordo com Heller (2000), atualmente o rosa simboliza feminilidade e doçura, mas nem sempre foi assim. Em pinturas barrocas, é comum ver meninos retratados vestindo trajes rosados repletos de babados, em uma época em que o vermelho significava guerra e poder, e o rosa nada mais era do que um vermelho diminuto, vermelho para crianças.

Até 1900 não existia o conceito de cor para meninos e cor para meninas, todas as crianças vestiam branco até ter idade o suficiente para vestir roupas de adulto com modelagens menores. Foi apenas em 1920 que se criou uma moda infantil com distinção de gênero. As roupas de meninos deveriam ser pintadas com a tinta da última tecnologia, típica dos trajes de marinheiros: o índigo artificial. Nesse momento a cor dos meninos se tornou azul e o rosa, como cor tradicionalmente contrária, foi designado às meninas. (Heller, 2000)

O rosa também é a cor da fantasia e da ingenuidade. Segundo Heller (2000), existem diversas metáforas que fazem alusão a essa cor: enxergar com “lentes cor de rosa” significa ver o mundo com um otimismo que beira à ilusão, um mundo cor de rosa é bonito demais para ser verdadeiro. De acordo com Bellantoni (2005), filmes como “Os Excêntricos Tenenbaums” utilizam essa função do rosa para manipular a audiência. Lançado em 2001, mesmo ano de “Legalmente Loira”, “Os Excêntricos Tenenbaums” segue o personagem Royal Tenenbaums, que se comporta de maneira condenável, mas como ele está rodeado de rosa chiclete, a audiência sabe intuitivamente que não deve levá-lo a sério. Deve-se questionar se essa característica de ingenuidade, frequentemente associada ao “bobo”, é intrínseca à cor rosa, ou atribuiu-lhe essa conotação após associá-la às mulheres.

A relação entre o termo “patricinha” e o que é supérfluo se expressa na própria construção da palavra: é comum que, na língua portuguesa, palavras escritas no diminutivo expressem conotação pejorativa, como “patricinha” e “mulherzinha”. Nos dois casos, os termos são utilizados para designar objetos e comportamentos tipicamente femininos e reforçar estereótipos associados às mulheres. Segundo Rocha (2017), o termo “mulherzinha” inferioriza práticas socialmente atribuídas às mulheres, como a preocupação estética, o uso de cosméticos e salões de beleza. Nesse sentido, o interesse das mulheres por esses tópicos é condenado como uma forma de hedonismo supérfluo, inferior aos tópicos de interesse tipicamente associados aos homens.

A língua de um povo, assim como a arte e a mídia, reproduz os elementos da cultura presentes nas dinâmicas sociais. Essa inferiorização da imagem feminina e dos objetos que são associados à figura da mulher são um reflexo da dinâmica de poder presente na estrutura da sociedade. Entretanto, de acordo com a teoria de Loponte (2002), que a leva a formular o conceito de Pedagogia do Feminino, as produções artísticas que carregam as dinâmicas sociais fazem mais do que apenas representá-las: elas as fortalecem.

Loponte (2002) defende que as representações de mulheres na arte se constituem historicamente como a sexualização do corpo feminino, a partir de um ponto de vista heterossexual e masculino. Nesse sentido, por muito tempo o espaço que as mulheres poderiam ocupar na arte se restringiu ao de musas inspiradoras, sendo retratadas como objeto de desejo e submissão. O olhar masculino que protagoniza essas obras não precisa estar representado por um homem na figura, ele é o próprio ponto de vista sob o qual a imagem foi produzida e emoldurada. A pedagogia visual do feminino de Loponte (2002) se baseia na ideia de que essas obras educam os espectadores, sejam homens ou mulheres, a naturalizar o

corpo feminino como um objeto de contemplação, legitimando a posição da mulher como corpo-objeto da sexualidade masculina.

Através de representações artísticas e da produção de sentidos em torno dessas representações exerce-se poder. [...] Poder que, sem dúvida, produz efeitos nos nossos modos de ver e entender questões de gênero e sexualidade (Loponte, 2002, p. 285)

Para Berger (1980), a representação feminina na arte, frequentemente expressa pelo nu artístico, tem como objetivo lisonjear o espectador masculino com a submissão feminina. As expressões faciais e os ângulos impossíveis em que os corpos das mulheres são retratados convidam o olhar masculino a admirar e usufruir da figura feminina como um objeto. Em alguns casos, a mulher é retratada observando-se através de um espelho, por exemplo, de modo a se juntar ao artista e ao espectador na apreciação da sua figura. Nesse sentido, a figura feminina legitima o olhar desejoso, ao mesmo tempo que é condenada moralmente por se juntar a ele:

Pintava-se uma mulher nua por se gostar de olhar para ela; colocava-se-lhe um espelho na mão e chamava-se ao quadro "Vaidade", condenando moralmente por este meio a mulher cuja nudez se havia pintado por prazer. A verdadeira função do espelho era outra. Era a de forçar a mulher a tratar-se a si própria, em primeiro lugar e essencialmente, como visão. (Berger, 1980, p. 55)

A mídia e o cinema são frutos do contexto histórico da arte e continuam a utilizá-lo como inspiração até hoje, levando autoras como Mulvey (2018) a traçar críticas sobre o patriarcado reproduzido nas telas. Para Mulvey (2018), a relação de submissão feminina não está presente apenas no exibicionismo do corpo, como imagens estáticas. Ela destaca também o papel das mulheres no enredo, que frequentemente orbita em torno do protagonista masculino. O papel da mulher consiste no que ela pode oferecer a esse representante masculino, tanto em termos de avanço da narrativa, quanto no sentido do status e poder que ele adquire ao possuí-la.

Em contrapartida, o corpo masculino também é representado nas telas com o intuito de despertar desejo, mas essa representação é essencialmente diferente da objetificação feminina. O corpo do homem é glorificado, o que o olhar masculino deseja é o status e o poder que ele representa. Ele não é oferecido ou subjugado como o feminino, isso provocaria desconforto no espectador, que se pressupõe ser masculino. (Mulvey, 2018)

Nesse sentido, Kaplan (1995) defende que outra forma de reproduzir valores patriarcais no cinema se dá pela discriminação dos filmes destinados às mulheres. Em sua maioria, esses filmes possuem como temática o melodrama e o romance, o que reforça o estereótipo de que esses assuntos são exclusivamente de interesse feminino. O gênero de

“*chick flicks*”, traduzido como “filmes de mulherzinha”, faz referência à maioria dos filmes de comédia romântica, como “Legalmente Loira”.

3. Procedimentos metodológicos

Com o objetivo de compreender profundamente como o filme “Legalmente Loira” representa os estereótipos de gênero presentes na figura da patricinha, foram utilizadas duas técnicas de pesquisa que se complementam. Primeiro, foi feita uma revisão bibliográfica sobre as teorias de representação de gênero no cinema, a fim de oferecer uma perspectiva teórica que pudesse fundamentar as discussões desenvolvidas sobre o filme. Nessa etapa inicial, foram coletados textos acadêmicos, artigos e capítulos de livros sobre o conceito de patricinhas, teorias de gênero no cinema e tendências culturais da terceira onda do feminismo, a fim de possibilitar conclusões sobre o objeto de estudo.

Em um segundo momento, foi realizada uma análise fílmica a partir do conceito de Penafria (2009). Aqui se faz necessário diferenciar a análise fílmica como método, de uma crítica cinematográfica. Trataremos neste artigo do ato de analisar um filme e não de atribuir um sentido de valor a partir de uma perspectiva pessoal. Não se trata de julgar o filme “Legalmente Loira” como bom ou ruim, e sim decompor a obra e estabelecer um olhar crítico para compreender a articulação dos seus elementos com a teoria. Enquanto a crítica cinematográfica foca em adjetivos que descrevem um filme, a análise tem em vista objetivos estabelecidos à priori que podem ser investigados a partir de uma observação rigorosa e detalhada. (Penafria, 2009)

Segundo Penafria (2009), analisar um filme implica duas etapas fundamentais: em um primeiro momento, decompor, fragmentar o filme em elementos que possam ser analisados. Em seguida, estabelecer relações entre os elementos, de modo a reconstruir a obra e esclarecer de que forma as partes se unem para formar o todo, oferecendo uma interpretação guiada por um objetivo estabelecido anteriormente.

O objeto de análise deste trabalho foi o filme “Legalmente Loira”, cujas informações mais relevantes para o processo de decomposição seguem abaixo:

3.1 Informações:

Título (em português): "Legalmente Loira"

Título original: *Legally Blonde*

Ano: 2001

País: Estados Unidos

Gênero: Comédia, Romance

Duração: 96 min aprox.

Direção: Robert Luketic

Sinopse: Elle Woods (Reese Witherspoon) é uma típica patricinha da Califórnia: estudante de moda, presidente da sororidade da universidade e filha de pais ricos, sua vida está caminhando exatamente para onde ela deseja. Por isso, Elle não podia estar mais feliz quando acredita que será pedida em casamento pelo namorado Warner (Mathew Davis). Mas Warner tem planos diferentes: ao invés de pedir Elle em casamento, ele anuncia que estará se mudando para Harvard Law School, para perseguir uma carreira na política, e por isso precisa terminar com ela, implicando que Elle é fútil demais para esse ramo. De coração partido e determinada a provar seu valor, Elle decide entrar para a faculdade de direito de Harvard por mérito próprio e reconquistar Warner.

Penafria (2009) sugere que, a fim de tornar a análise filmica viável em um sentido prático, seja feita uma decomposição da cena principal do filme. Desse modo, ficou estabelecido, para essa pesquisa, que a cena principal de "Legalmente Loira" está presente no clímax do filme, quando a protagonista Elle Woods toma o lugar de seu professor e defende seu primeiro caso no tribunal, representando a acusada Brooke Windham (Ali Larter). Até então, esse parecia um caso perdido, pois apesar do otimismo de Elle, todas as evidências apontavam para a condenação de Brooke como culpada pelo assassinato do marido 34 anos mais velho. Entretanto, em uma reviravolta, Elle ganha o caso quando a filha da vítima admite o assassinato, após ser interrogada pela protagonista, que percebe uma incoerência no depoimento da testemunha baseado em seus próprios conhecimentos sobre cuidados com o cabelo.

A cena, que acontece do minuto 01:19:53 ao minuto 01:27:34 do filme, foi analisada em termos de texto, conteúdo e figurino, além de como essa cena se interliga e dialoga com os demais elementos que compõem a totalidade do filme "Legalmente Loira".

4. A Vilanização das Patricinhas

4.1 “Tá terminando comigo porque eu sou loira?”

Em uma das primeiras cenas do filme, a protagonista Elle Woods (Reese Witherspoon) se encontra em um jantar romântico com o namorado Warner (Matthew Davis), por quem ela acredita que será pedida em casamento. Contrariando suas expectativas, Warner termina com Elle, alegando que o casal se divertiu até o momento, mas agora que ele pretende cursar direito em Harvard, está em busca de algo mais sério. Quando Elle insiste, Warner diz a seguinte frase: “Elle, se quero ser senador, preciso me casar com uma Jackie, não uma Marilyn”¹.

Esse diálogo faz referência aos ícones da cultura pop estadunidense dos anos 1960: Jacqueline Kennedy, primeira-dama dos Estados Unidos, e Marilyn Monroe, estrela de Hollywood e um dos maiores símbolos sexuais do século XX. A rivalidade entre essas duas personalidades, difundida no imaginário popular, se deu a partir de um suposto, porém notório, caso extraconjugal entre Marilyn e o presidente dos Estados Unidos, John F. Kennedy. Enquanto Jacqueline era reconhecida como elegante, graciosa e detentora de uma educação formidável, Marilyn, estrela de “Os Homens Preferem as Loiras” (1953), simbolizava a sensualidade e o glamour.

Essa dicotomia entre dois arquétipos femininos mutuamente excludentes, que pressupõe a ideia de que algumas mulheres são “para casar” e outras não, reflete antigas construções sociais da relação entre os gêneros. Segundo Madureira (2016), o imaginário cristão medieval associava a feminilidade a forças demoníacas. Com exceção da figura de Maria, mãe de Jesus, as mulheres eram vistas como pecadoras carnavais que ofereciam o perigo de desvirtuar os homens, por isso seus corpos e sua sexualidade deveriam ser vigiados e controlados. A dualidade entre a figura da mãe pura (Maria) e da pecadora expressam as únicas possibilidades de identidade e sexualidade feminina nessa época.

Podemos deduzir, portanto, que não haveria 'salvação' para as mulheres fora do modelo de castidade e pureza personificado na figura de Maria. Para tanto, as mulheres deveriam "sublimar" a sua feminilidade, essencialmente marcada pelo pecado original, introduzido no paraíso por Eva. Maria e Eva são, portanto, figuras que personificam o forte dualismo moral presente no imaginário cristão sobre as mulheres. (Madureira, 2016, p. 71)

¹ Do original: “Elle, if I'm gonna be a senator, I need to marry a Jackie, not a Marilyn.” (00:07:56)

Essa dinâmica de opostos continua encontrando vazão na construção de identidades da contemporaneidade. Para Borges (2005), o poder e o saber, tal como se expressam nas relações de gênero do ocidente, são tidos como características intrinsecamente masculinas. Em contrapartida, a ausência de inteligência na mulher é erotizada. Nesse sentido, surge a ideia de que mulheres inteligentes despertam o respeito dos homens, enquanto mulheres bonitas despertam o desejo. Dessa maneira, a dicotomia vivenciada pelas mulheres contemporâneas se expressa na incongruência de expectativas a seu respeito: enquanto na carreira se espera que elas expressem uma posição ativa e persistente, na esfera relacional elas são incentivadas a estabelecer uma posição passiva, ao menos no que se refere a despertar o desejo masculino.

De acordo com Franchi (2010), a fantasia da mulher atraente e sem inteligência está presente nas piadas de “loira burra”. Frequentemente, piadas operam a partir de estereótipos e preconceitos como recurso humorístico, de modo que a representação da mulher loira como burra e “fácil” retoma discursos misóginos profundamente arraigados na cultura ocidental.

Apesar de Elle se provar como uma mulher inteligente e determinada, sua inteligência é questionada direta e indiretamente durante o filme, devido à forma com que se apresenta. Elle Woods personifica o estereótipo estético da patricinha: loira e vaidosa, está sempre vestida com roupas de marca, principalmente rosa, sua marca registrada. Consequentemente, outros personagens do filme esperam da protagonista a conduta estereotipada das patricinhas, definida por Pereira (2003) como preconceituosa, arrogante e pouco inteligente.

Ao longo do filme, Elle demonstra possuir uma personalidade simpática e carismática, ajudando as pessoas com quem convive como pode. Isso ficou evidente quando ela mostrou integridade, ao guardar segredo sobre o álibi de Brooke, mesmo quando expô-la lhe beneficiaria academicamente. Uma situação parecida ocorreu quando Elle ajudou a manicure Paulette (Jennifer Coolidge) a recobrar confiança, ou quando ajudou seu colega David (Oz Perkins) a sair de uma situação embaraçosa. Contudo, ainda que preconceituosa e arrogante não sejam palavras capazes de descrever Elle, houveram momentos em que seus colegas projetaram essa imagem estereotipada na protagonista, como no diálogo entre Elle e Enid (Meredith Scott Lynn), no minuto 00:37:56 do filme:

“Sabe, se você fosse a uma festa na minha irmandade, pelo menos eu te trataria bem”² (Elle)

² Do original: “You know, if you had come to a rush party, I would have at least been nice to you” (00:37:56)

“Ah, isso seria antes ou depois de você votar contra mim e me chamar de ‘sapatão’ pelas costas?”³
(Enid)

“Eu não uso essa palavra”⁴ (Elle) ("Legalmente Loira", 2001)

4.2 “Eu vou mostrar como Elle Woods pode ser valiosa”

Quando Elle se muda para o dormitório de Harvard, em Boston, a fotografia do longa se transforma. Os tons quentes de Los Angeles são imediatamente substituídos por tons mais frios e terrosos, assim como os figurinos dos alunos da universidade, compostos principalmente por cardigans e sobreposições. Nesse primeiro momento, os óculos escuros, a jaqueta decotada e a saia de Elle (todos em sua cor preferida: rosa) contrastam com o novo cenário e a destacam dos demais alunos, o que atrai um grupo de observadores com expressões hostis. (Figura 1)

Em seguida, os alunos que observam Elle passam a tecer comentários como “Olha a Barbie Malibu”⁵ e “Isso aqui não é Los Angeles”⁶, salientando que a personagem não se encaixa naquele local. Elle não teve nenhuma interação com aqueles observadores até então, mas eles já criaram uma concepção sobre ela a partir da forma com que ela se apresenta esteticamente. Isso está de acordo com Costa (2002), na medida em que o figurino trabalha para transmitir informações sobre os personagens, sem que estas precisem ser ditas. O vestuário enriquece a história ao expressar de maneira simbólica a subjetividade e o contexto dos personagens, incluindo o pertencimento e a relação com o espaço e o tempo.

³ Do original: “Oh, is that before you voted against me and then called me a dyke behind my back?” (00:38:00)

⁴ Do original: “I don’t use that word” (00:38:04)

⁵ Do original: “Hey, Brad, check out Malibu Barbie” (00:21:03)

⁶ Do original: “This ain’t LA” (00:21:16)

Figura 1



Fonte: "Legalmente Loira", 2001. Captura de tela realizada pela autora.

Após várias tentativas mal-sucedidas de reconquistar o ex-namorado, além de ser alvo de escárnio e desdém pelos demais colegas, Elle percebe que nunca será suficiente para Warner, que continua a atribuir à personagem o estereótipo de “loira burra”. Nesse momento, ela decide se provar e enuncia a frase que dá nome a essa seção: “Eu vou mostrar como Elle Woods pode ser valiosa”⁷.

Ainda que o filme retrate uma história de superação feminina, até então a principal motivação da personagem girava em torno da aprovação do ex-namorado. A partir desse momento, o arco da protagonista tende a focalizar o estágio com o professor Callahan (Victor Garber), cuja aprovação parece significar sucesso profissional e acadêmico. Segundo Souza et al. (2021), é comum que obras cinematográficas que retratam a carreira profissional de mulheres utilizem como recurso a validação masculina como mensuração de sucesso, mesmo nos casos em que as mulheres ocupam posições de liderança.

Elle nunca abandona completamente o seu estilo e personalidade, mas, a partir desse momento, seu vestuário sofre adaptações que suprimem ligeiramente as cores vibrantes. A versão mais discreta de Elle ainda se destaca consideravelmente em relação aos demais, contudo, seu figurino adquire golas menos decotadas e tonalidades mais escuras, como preto, roxo e vermelho. Mesmo assim, ainda é possível observar o rosa por baixo de sobreposições e em detalhes da composição.

Quando Elle é selecionada para o estágio do professor Callahan, sua primeira atitude é fazer compras. Nesse momento, a protagonista aparece com um guarda-roupa completamente

⁷ Do original: "I'll show you how valuable Elle Woods can be!" (00:42:40)

novo e mais sóbrio, majoritariamente em tons de preto e cinza. Entretanto, a personagem continua a expressar sua personalidade em uma curadoria de detalhes na composição, com cortes da moda e roupas de marca. (Figura 2)

Figura 2



Fonte: "Legalmente Loira", 2001. Captura de tela realizada pela autora.

Ao suprimir o rosa em nome de uma imagem mais convencional, próxima do que se espera de uma estagiária de direito, Elle, assim como muitas outras mulheres da esfera profissional, ameniza a sua identidade feminina a fim de ser levada a sério. De acordo com Dole (2008), as feministas da segunda geração que entravam no mercado de trabalho, a fim de passar credibilidade, buscavam se afastar dos comportamentos e vestimentas que eram tipicamente esperados das mulheres.

Todavia, em uma cena posterior, a protagonista é abalada psicologicamente ao sofrer assédio do professor Callahan, que tenta convencê-la a lhe prestar favores sexuais em troca de subir na carreira. Desacreditada, Elle pensa em desistir do curso e voltar para Los Angeles, mas, incentivada por seus amigos, ela acaba por reivindicar o controle da sua carreira e o filme atinge o clímax.

Na cena que se desenrola durante o julgamento final de Brooke, cliente de Callahan e seus estagiários, a ré demite Callahan publicamente e chama Elle para representá-la. Nesse momento, a protagonista adentra o tribunal vestida com um traje formal completamente rosa (Figura 3). A escolha desse figurino é muito significativa porque representa o momento de maior poder e independência de Elle. Seu talento e inteligência estão prestes a ser reconhecidos diante de uma audiência formal, e ela o faz vestida com a cor que melhor

representa a sua identidade e sua subjetividade pessoal. Elle reivindica o rosa de modo que a cor não a coloca em uma posição de inferioridade – pelo contrário: ela lhe oferece poder.

Figura 3



Fonte: "Legalmente Loira", 2001. Captura de tela realizada pela autora.

4.3 “Qualquer garota Cosmo saberia”

Quando Elle inicia o interrogatório de Chutney (Linda Cardellini), filha da vítima, a estudante de Direito está claramente nervosa. Elle questiona diversas vezes se a interrogada estava no banho enquanto o pai estava sendo assassinado, o que parece uma informação trivial. Sua insegurança contribui para que os presentes confirmem a pré-concepção que criam dessa personagem: uma mulher jovem, loira, completamente vestida de rosa, que parece inexperiente, fútil e ingênua diante do júri.

Contudo, Elle percebe uma inconsistência no depoimento de Chutney, quando a interrogada alega que mais cedo, no dia do assassinato, teria feito um permanente no salão de beleza, procedimento químico para cachear os cabelos. Elle aponta que a regra mais importante de um permanente está na proibição de molhar o cabelo por pelo menos 24 horas após o procedimento, de modo que o permanente de Chutney não estaria intacto caso ela estivesse lavando o cabelo durante o assassinato do pai, como declarava. Encurralada, Chutney acaba admitindo ter assassinado o pai, pensando que se tratava da madrasta.

Em um ambiente que desdenha de tudo o que Elle representa, a protagonista se destaca por trazer uma perspectiva diferente. São justamente os conhecimentos “fúteis” e femininos

de Elle que a levam a ter êxito onde outros não tiveram. Mais tarde, quando questionada por uma jornalista, a estudante de Direito declara que qualquer garota que lesse a revista *Cosmopolitan* saberia daquelas informações.⁸

Segundo Dole (2008), "Legalmente Loira" retrata as nuances ambíguas dos símbolos de feminilidade na cultura: ao mesmo tempo que são utilizados para discriminar e impor certos padrões prejudiciais às mulheres, esses símbolos também são, muitas vezes, fontes de prazer e conexão entre grupos de mulheres. É nesse sentido que algumas feministas da terceira geração decidiram reivindicar esses símbolos, ao invés de repudiá-los. Desprezar as características socialmente atribuídas às mulheres é uma forma de fomentar o discurso misógino que inferioriza e discrimina as pessoas que se identificam com esses símbolos

Durante a sua formatura, na última cena do filme, Elle retoma uma citação de Aristóteles dita em seu primeiro dia de aula em Harvard: "A lei é a razão livre da paixão". Dessa vez, a protagonista discorda dessa máxima, alegando que a sua experiência exigiu de si um equilíbrio entre esses dois elementos. De acordo com Souza, Grangeiro e Silva (2021), demonstrações excessivas de afeto são mal vistas nas mulheres, por não combinarem com postos de liderança. Ao mesmo tempo, excesso de ambição ou agressividade também são repudiados por serem tidos como características masculinas. As emoções e as paixões de Elle são o que a tornam única em um contexto de valorização da racionalidade e do status. Dessa forma, a atitude de Elle em conciliar sua personalidade com o seu novo papel se traduz em uma conduta subversiva.

Dole (2008) defende que o que está em voga em "Legalmente Loira" não é se Elle deve continuar sendo fiel a si mesma ou não, mas sim quais papéis sua nova vida pode acomodar. O filme levanta a questão de se a protagonista pode continuar sendo uma patricinha loira e ao mesmo tempo se tornar uma advogada bem sucedida. Em uma era culturalmente influenciada pela terceira onda do feminismo e considerando que a obra se trata de uma comédia romântica dos anos 2000, a única resposta possível para o público-alvo de jovens mulheres deve ser "sim".

Considerações finais

Este artigo pretendeu investigar como o filme "Legalmente Loira" representa os estereótipos de gênero presentes na figura da patricinha, a partir de uma análise filmica da comédia romântica lançada em 2001. Para se atingir uma compreensão das nuances expressas

⁸ Do original: "Any Cosmo girl would've known" (01:27:40)

nos estereótipos de gênero que acompanham a patricinha e seu universo simbólico, bem como de que forma esses elementos são representados no filme, foram estabelecidos quatro objetivos específicos.

A partir do objetivo de conceituar o termo patricinha e compreendê-lo contextualizado na cultura, foi possível concluir que o conceito de patricinha contempla uma síntese entre elementos estéticos, como roupas da moda e preferência pela cor rosa; e elementos comportamentais, frequentemente associados à futilidade, preconceitos e arrogância (Pereira, 2003). Essa relação entre a preocupação estética da patricinha e a futilidade se traduz em um discurso misógino com bases profundamente enraizadas na cultura. De acordo com Rocha (2017), os interesses socialmente atribuídos às mulheres, como os cuidados com a beleza, são condenados como hedonismo supérfluo e tidos como inferiores aos interesses masculinos.

Em relação ao objetivo de discutir as teorias de gênero no cinema, verificou-se que a representação feminina no cinema reflete e reforça a dinâmica de poder entre os gêneros presente na estrutura da sociedade. As mulheres são representadas a partir de um referencial masculino (Loponte, 2002), que está presente tanto na sexualização de seus corpos quanto nas narrativas que orbitam em torno de personagens masculinos. Desse modo, as personagens femininas são construídas a partir do valor que elas podem oferecer aos representantes masculinos que as rodeiam, seja em termos de desenvolvimento da história ou no status que eles podem adquirir por possuí-las (Mulvey, 2018). Além disso, segundo Kaplan (1995), os valores patriarcais também se expressam no cinema a partir da discriminação de filmes direcionados ao público feminino. Em sua maioria, essas obras possuem temáticas relacionadas ao melodrama e ao romance, o que reforça o estereótipo de que esses assuntos são exclusivamente de interesse das mulheres.

No que se refere ao objetivo de analisar as questões de gênero representadas no filme "Legalmente Loira", foi possível observar que a obra oferece uma perspectiva subversiva a esses estereótipos, contrastando com a representação tradicional da patricinha em Hollywood. A protagonista, Elle Woods, se apresenta esteticamente como a patricinha ideal: loira, feminina e sempre vestida com roupas de marca, de preferência rosa. Portanto, os demais personagens do longa esperam que Elle se comporte como o estereótipo da patricinha, definido por Pereira (2003) como fútil, preconceituosa e pouco inteligente. Diante disso, Elle encontra o preconceito como um dos principais desafios durante a sua trajetória em Harvard. Nesse sentido, o figurino aparece como um recurso crucial para o filme, na medida em que as vestes da personagem são utilizadas para transmitir sua subjetividade e adequação, pertencimento - ou a falta dele (Costa, 2002). De acordo com Dole (2008), a jornada de Elle

não coloca em questionamento se a protagonista deve ou não desistir da sua identidade como patricinha a fim de ser uma advogada bem sucedida, mas reforça continuamente que Elle é capaz de conciliar todos os seus papéis. São as características criticadas por seus colegas que a destacam e lhe conferem força.

No intuito de compreender como a visão sobre personagens patricinhas sofreu mudanças com o passar do tempo, foi possível perceber que, segundo Dole (2008), a valorização e a celebração das características socialmente atribuídas às mulheres é uma tendência relativamente recente da terceira onda do feminismo. Esse movimento possui como premissa a reivindicação dos símbolos que eram tidos unicamente como ferramentas de opressão feminina durante a segunda geração e ressignificá-los. Em 2001, quando "Legalmente Loira" estreou nos cinemas, a comunicação midiática investia na tendência de se opor às características tradicionalmente femininas: mulheres que se identificavam com a estética e os interesses tradicionalmente masculinos eram mais interessantes e desejáveis.

Desde então, a tendência da terceira geração em reivindicar os símbolos que marcaram a infância de muitas mulheres ganhou força, o que explica como "Legalmente Loira" continua relevante enquanto outras comédias românticas da mesma época envelheceram mal. Entretanto, é importante salientar que essa valorização não significa imposição: a mensagem de "Legalmente Loira" não tem como objetivo determinar que todas as mulheres devem performar a feminilidade em busca de ser bem sucedidas, mas sim questionar o discurso misógino que estabelece que estas são características mutuamente excludentes.

Sendo assim, o filme "Legalmente Loira" subverte a representação tradicionalmente negativa dos estereótipos de gênero presentes na figura da patricinha. O sentido pejorativo de “patricinha” não é reforçado durante a narrativa, e sim questionado cada vez que a protagonista Elle Woods supera um novo desafio.

Em pesquisas futuras, pode-se investigar o fenômeno das patricinhas considerando um recorte social que contemple as nuances socioeconômicas, raciais e transgênero. As pesquisas acadêmicas que se preocupam em definir o conceito de “patricinha” determinam que esse é um fenômeno característico das classes mais altas da sociedade, o que ignora a sua ocorrência em outros recortes socioeconômicos. De modo semelhante, considerando que a vivência da feminilidade é múltipla e diversa, é necessário questionar de que modo a tendência da valorização das características tipicamente femininas se estabelece na vivência de mulheres negras, indígenas ou trans, por exemplo. É nesse sentido que cabe investigar o que marca a diferença e as semelhanças entre o conceito geral de “patricinha” e termos nichados como “afrocity” e “patricinha da favela”.

Referências

BELLANTONI, P. **If it's purple, someone's gonna die**: The power of color in visual storytelling. Waltham: Focal Press, 2005.

BERGER, J. **Modos de ver**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1980.

BORGES, M. L. Gênero e desejo: a inteligência estraga a mulher? **Revista Estudos Feministas**, 13(3): 667-67, 2005.

CERQUEIRA, S. VEJA RIO entrevistou 25 personalidades que foram destaque na revista: de socialites a empresários e políticos, estas personalidades ilustraram as páginas da publicação em seu primeiro ano de vida. **VEJA RIO**, 2 Jun. 2017. Disponível em: <<https://vejario.abril.com.br/cidade/veja-rio-entrevistou-25-personalidades-que-ilustraram-suas-paginas-em-25-anos>> Acesso em 22 mar. 2024

COSTA, F. A. (2002). O figurino como elemento essencial da narrativa. **Sessões Do Imaginário**. v. 7 n. 8 (38–41), 2002

DOLE, C. M. The return of pink: Legally Blonde, third-wave feminism, and having it all. Em: FERRISS, S.; YOUNG, M. (Eds.). **Chick Flicks: Contemporary Women at the Movies**. Routledge, 2008.

FAHL, H. D.; PAIVA, J. E. R. Nostalgia e o grande apego da cultura pop ao seu próprio passado: observação de referências existentes em produtos da indústria fonográfica. **Intercom: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, 2015.

FRANCHI, G. M. et al. **Os homens preferem as (piadas de) loiras**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2010.

HELLER, E. **A psicologia das cores**: Como as cores afetam a emoção e a razão. São Paulo: Olhares, 2000.

KAPLAN, E. A. **A Mulher e o Cinema**: Os dois lados da câmera. Rio de Janeiro: Editora

Rocco LTDA, 1995.

"Legalmente Loira" (Legally blonde). Direção: Robert Luketic. Produção: Ric Kidney e Marc E. Platt. Roteiro: Karen McCullah Lutz e Kirsten Smith, baseado em livro de Amanda Brown. Intérpretes: Reese Whitherspoon, Luke Wilson, Selma Blair, Matthew Davis, Victor Garber, Jennifer Coolidge, Holland Taylor, Ali Larter e outros. Los Angeles (USA): MGM, 2001. 1 filme (96 min), son., color., 35 mm.

LOPONTE, L. G. Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino. **Revista Estudos Feministas**, v. 10(2), p. 283-300, 2002.

MADUREIRA, A. F. A. Diálogos entre a Psicologia e as Artes Visuais: as Imagens enquanto Artefatos Culturais. In J. L. Freitas & E. P. Flores (Orgs.), **Artes e Psicologia: Fundamentos e Práticas** (pp. 57-82). Curitiba: Juruá Editora. (2016)

MULVEY, Laura. Prazer visual e cinema narrativo. In: XAVIER, Ismail. **A Experiência do Cinema**. 1. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra LTDA, 2018.

PATRICINHA. In: **Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda. 2015. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/palavra/xR5pG/patricinha/>> Acesso em: 24 mar. 2024

PENAFRIA, M. Análise de Filmes - Conceitos e metodologia(s). **VI Congresso SOPCOM - Lisboa/Portugal**, 2009.

PEREIRA, C. S. Ser e Parecer "Patricinha": família, amigos e identidade na adolescência. **Revista Faced**, v. 7, p. 163-185, 2003.

PEREIRA, L. V. A. **Tendências socioculturais e a reutilização de conteúdos estéticos da era Y2K na moda contemporânea**. Monografia (Bacharelado em Design - Moda) - Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

ROCHA, N. "Papo de mulherzinha"?! O cuidado de si como hedonismo feminino e os blogs de moda como modelo de negócios. **Artigo**, [s. l.], v. 10, ed. 21, 2017.

SANTOS, J. F. (2016). **Enquanto Houver Champanhe, Há Esperança**. Uma biografia de Zózimo Barrozo do Amaral. Rio de Janeiro: Intrínseca.

SILVA, G. S. Masculinidades e o homem latino-americano: transformações, perpetuações e novos estereótipos em Legally Blonde (2001). **Humanidades em diálogo**, v. 12, p. 89-102, 2023.

SOUZA, R. D. L.; GRANGEIRO, R. R.; SILVA, L. E. N. A representação das mulheres de carreira no cinema: uma análise sob a ótica das metáforas de desigualdade de gênero. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 12, n. 2, p. 27-51, 2021.